



DESENHANDO IDENTIDADES:  
(RE)EXISTÊNCIAS, DISSIDÊNCIAS E CULTURAS  
XV Seminário do Programa de Pós-Graduação  
em Desenho, Cultura e Interatividade.



XV Seminário do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade – 2020

## A VERTIGEM DO TEMPO NAS MEMÓRIAS FOTOGRÁFICAS DA AVENIDA SENHOR DOS PASSOS

Sidiney de Araujo Oliveira  
E-mail: leonfsa@gmail.com

### RESUMO

O texto aborda a imagem fotográfica como recurso que se lança mão para preservar e elucidar a memória arquitetônica e urbanística da Avenida Senhor dos Passos, entre as décadas de 1980 e 2000, na cidade de Feira de Santana – Bahia, que nos primórdios do século XX figurou como endereço privilegiado da elite econômica e política local. Atualmente, ela se constitui como principal logradouro do comércio central, onde a especulação imobiliária fez com que antigos imóveis fossem postos abaixo para ceder lugar a novas arquiteturas ou simplesmente se transformassem em estacionamento privativo de veículos. Diante de tais transformações, grupos de intelectuais passaram a promover exposições fotográficas das imagens produzidas pelos fotógrafos, leitores privilegiados e desenhadores da cidade de Feira de Santana, na perspectiva de perpetuar a vera imagem da cidade, que desperta para o presente as múltiplas cidades que a de hoje encerra. Para tanto, a discussão se encontra ancorada na literatura produzida pelos memorialistas locais, periódicos e jornais da cidade de Feira de Santana. A metodologia utilizada envolveu catalogação das fontes no Arquivo do Museu Casa do Sertão, da Universidade Estadual de Feira de Santana, Arquivo Público Municipal de Feira de Santana, arquivo do Jornal Folha do Norte e do Jornal Noite e Dia. Assim, após a verificação, foram feitas leitura e análise dos dados obtidos.

**Palavras-chave:** Imagem fotográfica; imagem urbana; Avenida Senhor dos Passos.

### ABSTRACT

The text addresses the photographic image as a resource that uses to preserve and elucidate the architectural and urban memory of Avenida Senhor dos Passos, between the 1980s and 2000s in the city of Feira de Santana - Bahia, which in the early twentieth century it figured as the privileged address of the local economic and political elite. Currently, it is the main place of central commerce, where real estate speculation has caused old properties to be taken down to give way to new architectures or simply to be transformed into private parking for vehicles. Faced with such transformations, groups of intellectuals started to promote photographic exhibitions of the images produced by photographers, privileged readers and designers of the city of Feira de Santana, in the perspective of perpetuating the true image of the city, which awakens to the present the multiple cities that today ends. Therefore, the discussion is anchored in the literature produced by local memorialists, periodicals and newspapers in the city of Feira de Santana. The methodology used involved cataloging the sources in the Casa do Sertão Museum Archive, the Feira de Santana State University, the Feira de Santana Municipal Public Archive, the Folha do Norte newspaper and the Noite e Dia newspaper archives. reading and analysis of the data obtained were performed.

**Key Words:** Photographic image; urban image; Avenida Senhor dos Passos.



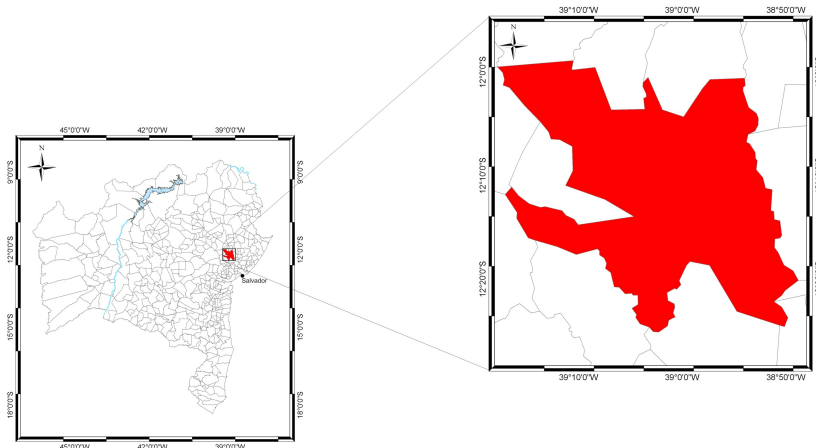
DESENHANDO IDENTIDADES:  
(RE)EXISTÊNCIAS, DISSIDÊNCIAS E CULTURAS  
XV Seminário do Programa de Pós-Graduação  
em Desenho, Cultura e Interatividade.



XV Seminário do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade – 2020

## INTRODUÇÃO

A cidade de Feira de Santana – Bahia localiza-se a 108 km em relação à capital, Salvador, como mostra o mapa 01<sup>i</sup>, e, de acordo com o senso do IBGE de 2006, possui 584.497 habitantes. A Avenida Senhor dos Passos atravessa por inteiro o centro comercial da cidade, no sentido norte-sul, e constitui-se como uma das principais vias por onde circula toda a população feirense. No final do século XIX, ela foi aberta para morada dos aristocratas do gado<sup>ii</sup>. Nos primórdios do século XX, foram surgindo casas elegantes e monumentais, cuja releitura baseava-se no chamado estilo eclético – arquitetura em voga naquele momento em centros de cidades brasileiras que se conduziam por um crescimento econômico. A Senhor dos Passos, na visão de Eurico Alves Boaventura<sup>iii</sup> (2006, p. 86) era uma rua “bela e calma (...) era toda uma nostalgia e senhorial poesia. Poesia de recordar...”<sup>iv</sup>.



Mapa 01: Localização do município de Feira de Santana em relação a Salvador e ao contexto baiano. In: AZEVEDO, 2009, p. 17.

Em 1913, a Rua do Senhor dos Passos já era considerada como uma das mais belas de Feira de Santana pelo Jornal Folha do Norte<sup>v</sup>. Esta atribuição de gosto, para além do seu carácter estético, tinha mais uma intencionalidade. Sua adjetivação como “bela” era sublinhada pelo fato de que neste endereço



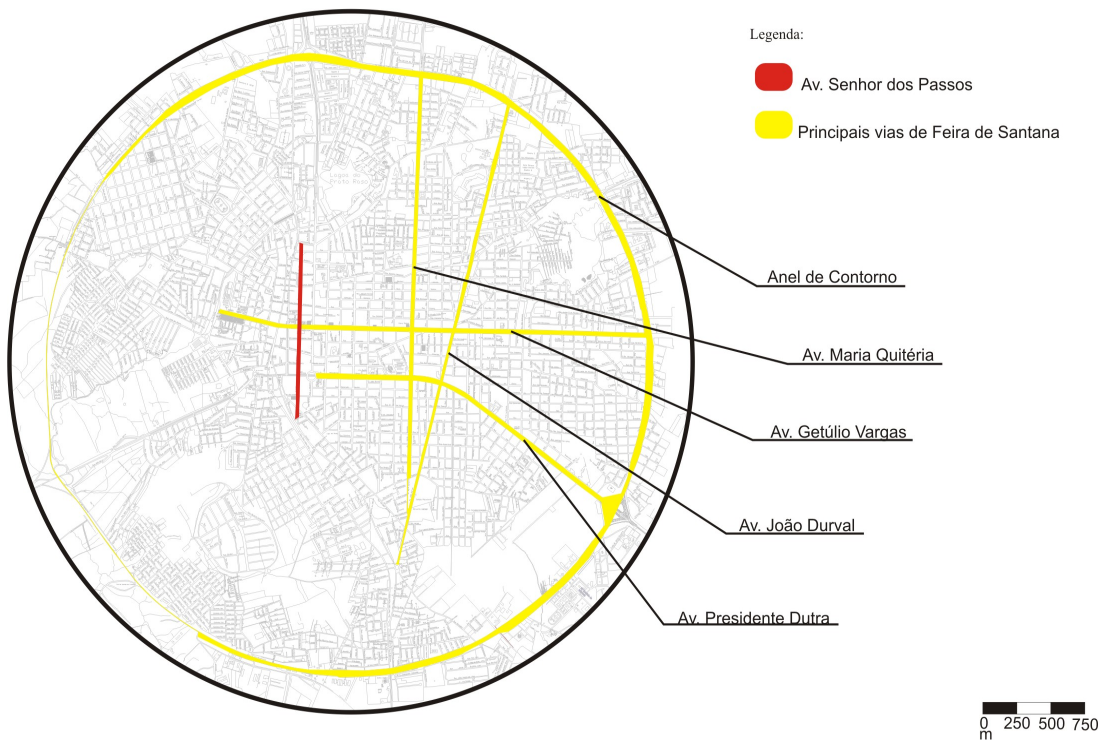
DESENHANDO IDENTIDADES:  
(RE)EXISTÊNCIAS, DISSIDÊNCIAS E CULTURAS  
XV Seminário do Programa de Pós-Graduação  
em Desenho, Cultura e Interatividade.



### XV Seminário do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade – 2020

residiam, em sua grande maioria, as famílias mais ilustres de Feira de Santana e que hospedaram distintos visitantes, a exemplo do Imperador D. Pedro II e D. Teresa Cristina, D. Gastão de Orleans, Osório Duque Estrada, Ruy Barbosa, Getúlio Vargas e outros. Abaixo, no mapa 02 <sup>vi</sup>, podemos visualizar a Avenida Senhor dos Passos no centro urbano de Feira de Santana.

#### LOCALIZAÇÃO DA AV. SENHOR DOS PASSOS



Mapa 02: Visualização da Avenida Senhor dos Passos em Feira de Santana, Bahia. In: OLIVEIRA, 2010, n. 31

Na década de 1960, houve mudanças significativas no desenho urbanístico de Feira de Santana. O Jornal Situação, do dia 31 de dezembro de 1969, descreve com muito agrado o progresso alcançado pela urbe na gestão do então Prefeito João Durval Carneiro (1967 – 1971), exaltando a gratificante



DESENHANDO IDENTIDADES:  
(RE)EXISTÊNCIAS, DISSIDÊNCIAS E CULTURAS  
XV Seminário do Programa de Pós-Graduação  
em Desenho, Cultura e Interatividade.



#### XV Seminário do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade – 2020

ascensão de empreendimentos imobiliários públicos e privados. Esse tempo trazia consigo a atmosfera da modernidade para perto da cidade, que se orgulhava e reafirmava sua condição de “Princesa do Sertão”.

Em sua campanha eleitoral, João Durval Carneiro prometera empenho incondicional para promover a industrialização de Feira de Santana e, para tanto, realizaria obras de infraestrutura capazes de atrair grandes indústrias para a cidade. Em atenção a essa promessa, inaugurou-se a Escola do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), em 1968; expandiu-se o serviço de energia elétrica, via usina de Paulo Afonso, e foi inaugurado o Serviço de Telefones Automáticos através da Telefonía. Ainda nessa gestão houve a instalação da 35ª Batalhão de Infantaria, criação da Faculdade Estadual de Educação, e, em 1969, a elaboração do Plano de Desenvolvimento Local Integrado (cf. OLIVEIRA, 2008) <sup>vii</sup>. Esses sucessos implicaram transformações físicas na paisagem urbana condizentes com as características de uma cidade industrial.

Assim, a construção de um ideário de modernização, entre as décadas de 1960 e 2000, provocou, paulatinamente, o apagamento das referências do passado vivido nos luxuosos casarões da Avenida Senhor dos Passos. A destruição ou substituição de referenciais visuais do passado existentes no espaço urbano por novas construções causou uma espécie de vertigem, onde mesmo a promessa da técnica como garantia de futuro promissor desgastou-se pela destruição dos elementos que representariam os elos entre o presente e as temporalidades já passadas. Restou à memória de Feira de Santana valer-se das fotografias antigas para restaurar fragmentos de sua história pujante que se transformou à medida que a urbe se projetava para o futuro.



DESENHANDO IDENTIDADES:  
(RE)EXISTÊNCIAS, DISSIDÊNCIAS E CULTURAS  
XV Seminário do Programa de Pós-Graduação  
em Desenho, Cultura e Interatividade.



XV Seminário do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade – 2020

## FOTOGRAFIAS: A PRESENÇA DO AUSENTE

A dinâmica urbana obedece ao imperativo das mudanças como se fosse uma força divina num constante destruir-se para, novamente, reconstruir-se. É o processo que denomino de vertigem dos tempos, tendo em vista que as diferentes concepções do uso do espaço citadino também intervêm na relação entre os valores do passado e do presente.

A sensibilidade tende a atribuir importância emocional ao passado e configurar um discurso a respeito do mesmo, pois a imagem de uma cidade moderna resulta do objetivo do desenho urbano de Feira de Santana, causando um choque entre o progresso e a tradição, uma vez que, para ser reconhecida como moderna, houve necessidade de destruir antigas referências e reordenar o espaço urbano a partir de critérios técnicos, estéticos e higiênicos, enfim, construir outra visualidade sobre a qual incidiu a sociedade e suas transformações, violência, drogas, prostituição, etc.

Essas transformações tornaram a Avenida Senhor dos Passos bem diferente do que ela fora na primeira metade do século XX, irreconhecível para quem viveu ali por muito tempo e experimentou diversas sensações porque, como alerta Ítalo Calvino (2009, p. 34) <sup>viii</sup>, “cada pessoa tem em mente uma cidade feita exclusivamente de diferenças, uma cidade sem figuras e sem formas, preenchidas pelas cidades particulares”. Partindo dessa compreensão, entendo que a cidade é percebida de forma plural e, como tal, admite diferentes abordagens que, por sua vez, assumem formas metafóricas da imagem urbana composta pelo desenho da arquitetura, da pintura, dos monumentos erguidos ou do traçado das ruas. A paisagem urbana vai se impondo como um texto a ser lido, decodificado, e assim o é a partir das experiências individuais e coletivas.



DESENHANDO IDENTIDADES:  
(RE)EXISTÊNCIAS, DISSIDÊNCIAS E CULTURAS  
XV Seminário do Programa de Pós-Graduação  
em Desenho, Cultura e Interatividade.



#### XV Seminário do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade – 2020

A imagem fotográfica nos propicia diversas leituras, remete ao imaginário do outro e provoca nossas sensibilidades, auxilia a memória e alavanca lembranças subjacentes ao momento em que aconteceu o registro fotográfico, podendo servir como uma das formas de conhecimento do mundo. Remete-nos a inúmeras experiências visuais, é capaz de nos silenciar e, ao mesmo tempo, de nos roubar a fala. No senso comum, somos tentados a acreditar que fotografias são representações fidedignas da realidade, não mentem, tornando inquestionável aquilo que elas mostram.

A fotografia causou uma revolução na captação das imagens. Desde o momento em que Daguerre <sup>ix</sup> a apresentou ao mundo, as imagens tenderam a uma constante metamorfose. Trata-se de um artefato que provocou discussões, as quais perpassam pelo campo da filosofia e das ciências sociais e, especialmente, da história da arte, no qual se discutem questões que lhe dizem respeito enquanto uma arte capaz de representar a realidade. Também sofreu resistência enquanto fonte de pesquisa, mas o seu valor documental foi admitido na história, por exemplo, a partir do alargamento da noção de documento histórico que se deu com a *Escola dos Annales*. Peter Burke (2004, p. 29) <sup>x</sup> entende que “elas são especialmente valiosas, por exemplo, como evidência da cultura material do passado”, mas percebe que, mesmo com a abrangência do conceito de documento, “poucos historiadores trabalham em arquivos fotográficos, comparado ao número desses estudiosos que trabalham em repositórios de documentos escritos e datilografados” (BURKE, 2004, p. 12). Também constata o fato que, em meio à produção historiográfica, muitos pesquisadores tendem a tratar a fotografia como mera ilustração, sem nenhum comentário ou tratamento de análise, servindo como evidência conclusiva da temática, perdendo-se a oportunidade de obter novas diretrizes e métodos de investigação.



DESENHANDO IDENTIDADES:  
(RE)EXISTÊNCIAS, DISSIDÊNCIAS E CULTURAS  
XV Seminário do Programa de Pós-Graduação  
em Desenho, Cultura e Interatividade.



#### XV Seminário do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade – 2020

A produção da imagem fotográfica sempre é fruto da vontade do fotógrafo, portanto, subjetiva por excelência. Há interferência do fotógrafo na escolha do recorte, do espaço e do tempo. Indiscutivelmente, a fotografia é “um ato consciente, direcionado e objetivado” (MAGALHÃES, SILVA, OLIVEIRA, 2009, p. 15) <sup>xi</sup> que aproxima de tal forma o fotógrafo e sua produção e os torna um binômio indivisível, como considera Boris Kossoy (2001) <sup>xii</sup>. Há muitos fios e intrincadas tessituras nesse processo. O fotógrafo pode controlar a intensidade da luz interna e externa, escolher o melhor ângulo, posicionar-se de uma determinada maneira para captar a imagem fotográfica, e esse é o exercício da criação estética da imagem. Em síntese,

as fotografias não são, como muitas vezes se pensa, um mero registro mecânico. Sempre que olhamos uma fotografia tomamos consciência, mesmo que vagamente, de que o fotógrafo selecionou aquela vista de entre uma infinidade de outras vistas possíveis. Isto é verdade mesmo para o mais banal instantâneo de família. O modo de ver do fotógrafo reflete-se na sua escolha do tema (BERGER, 1972, p.14) <sup>xiii</sup>.

A fotografia emergiu no ambiente urbano propiciado pela Revolução Industrial como elemento que possibilitaria o conhecimento do mundo por meio das produções de um novo profissional – o fotógrafo. Muitos desses profissionais acompanharam o crescimento urbano das cidades através da técnica fotográfica, o que já indicava sua alta capacidade informativa. Por ter sido de Paris a primeira imagem fotográfica, isso sugere que ela seja um método de análise do produto urbano dotada de inúmeras possibilidades de estudos e análises. É um recurso ilimitado que evidencia temas, estejam eles no primeiro plano ou na periferia da imagem. Nas fotografias é possível verificar a movimentação na rua, o comércio, tipo de calçamento, tipos de construções e monumentos, eventos esportivos e sociais, acontecimentos políticos e personagens característicos do lugar. As abordagens no primeiro plano são variáveis às sensibilidades de pessoas comuns e daqueles que



DESENHANDO IDENTIDADES:  
(RE)EXISTÊNCIAS, DISSIDÊNCIAS E CULTURAS  
XV Seminário do Programa de Pós-Graduação  
em Desenho, Cultura e Interatividade.



#### XV Seminário do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade – 2020

poderiam ser considerados leitores especiais da cidade, por exemplo, pintores, cronistas e fotógrafos.

Valter Gomes dos Santos Oliveira (2007, p. 22) <sup>xiv</sup>, do ponto de vista que “a fotografia, nos seus quase duzentos anos de existência, é considerada uma testemunha privilegiada das diversas experiências urbanas nos quatro cantos do mundo”, empreendeu uma pesquisa a respeito do fotógrafo Osmar Micucci na cidade de Jacobina Bahia. O autor observou que há um imenso repertório de imagens fotográficas das cidades em processo de modernização, desde a capital francesa, Paris, às cidades brasileiras. Percebeu que a atitude de fotografar o momento das transições urbanísticas foi algo muito comum. Como exemplo, ele diz que Charles Marville fotografou a Paris de Haussmann; Marc Ferrez e Augusto César Malta de Campos fotografaram o Rio de Janeiro do início do século XX; e Osmar Micucci fotografou a cidade de Jacobina, Bahia, dos anos 1955 a 1963, que suspirava pelos ares da modernidade. Nessa mesma dimensão, encontrei os estudos de Sinara Bonamigo Sandri (2007) <sup>xv</sup> a respeito de Virgílio Calegari, que fotografou a cidade de Porto Alegre no alvorecer do século XX, que também sonhava ser uma cidade moderna e atualizada.

Nessa mesma possibilidade de narrativa do olhar, também pude observar a *História nas Lentes*, de Antônio Ferreira de Magalhães (2009). Esse profissional da fotografia fez inúmeros registros fotográficos da cidade, com temáticas variadas que compreendem a dimensão dos mais complexos assuntos que orbitam em torno de uma cidade, voltando sua objetiva para a mira de um tempo no qual Feira de Santana alterava sensivelmente o seu cotidiano, posicionando-se tanto como um espectador quanto como um usuário urbano. O referido livro traz uma narrativa fotográfica da década de 1970, e é uma versão da história de Feira de Santana que busca superar a compreensão do imediatamente visível, atentando para as relações ocultas ou pouco



DESENHANDO IDENTIDADES:  
(RE)EXISTÊNCIAS, DISSIDÊNCIAS E CULTURAS  
XV Seminário do Programa de Pós-Graduação  
em Desenho, Cultura e Interatividade.



#### XV Seminário do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade – 2020

aparentes no esforço por articular as partes ao todo, dando-lhe significado no contexto citadino. Os estudos compreendem que aqueles fotógrafos são “testemunhas privilegiadas” da cidade, desenham-na e assim compõem uma narrativa visual do ambiente urbano. A forma de pensar e projetar a cidade é demonstrada na sua tentativa de reprodução de mundo compreendido e evidenciado pela moldura que limita a composição fotográfica, ela está repleta de elementos ideológicos.

O olhar profissional, através do seu equipamento, tem o poder de congelar, paralisar uma mínima fração do *continuun* do tempo, fornecendo ao porvir a presença do ausente, dotando a fotografia como um lugar de memórias e lembranças. A visão de mundo do fotógrafo pode ser observada na sutileza das relações entre signo e imagem, e os elementos simbólicos estão em evidência na imagem produzida, bem como os aspectos específicos de identificação. Enfim, a imagem fotográfica deve ser lida tomando como referência o aspecto cultural no qual ela foi originada, como propõe Michael Baxandall (2006) <sup>xvi</sup>. O autor mostra que numa imagem visual se apresentam as intenções racionais de quem a produziu. Assim, propõe que se estabeleça uma relação entre o objeto, sua individualidade e as circunstâncias no panorama geral em que estão inseridos. Desse modo, é possível uma análise clara, abrangente de uma obra-de-arte, uma fotografia, um desenho, etc., mesmo que tenham sido criados em um contexto com o qual não temos relação.

Na década de 1980, as preocupações em preservar e elucidar a memória arquitetônica e urbanística de Feira de Santana emergem como uma forma de anseio coletivo. Uma equipe presidida por Raimundo Gama<sup>xvii</sup>, então diretor do Museu Casa do Sertão, promoveu uma intensa campanha para doação ou empréstimo de fotografias antigas nos meios de comunicação da cidade. Na perspectiva creditada à capacidade técnica de que a fotografia



DESENHANDO IDENTIDADES:  
(RE)EXISTÊNCIAS, DISSIDÊNCIAS E CULTURAS  
XV Seminário do Programa de Pós-Graduação  
em Desenho, Cultura e Interatividade.



#### XV Seminário do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade – 2020

dispõe em reter o mundo sob a forma de imagem, bem como a peculiar constituição da memória que ela elucida onde as três dimensões do tempo se fazem presentes, o grupo de intelectuais e membros da sociedade interessados no assunto organizaram uma exposição no Museu Casa do Sertão da Universidade Estadual de Feira de Santana, no período de 23 de maio a 03 de junho de 1983. A esse respeito, o Jornal Feira Hoje destacou:

#### UM PASSEIO FOTOGRÁFICO PELA FEIRA ANTIGA

Conseguindo reunir mais de 260 peças, a Casa do Sertão, Museu da Universidade Estadual de Feira de Santana, inaugura amanhã, às 10:00 horas, a Exposição sobre fotografias de Feira de Santana, constituindo-se em uma verdadeira viagem ao passado fotográfico do município.

A mostra, que permanece até dia 3 de junho, traz para o público preciosidades: fotos do início do século, quando as ruas da cidade ainda não tinham as denominações atuais e apresentavam uma outra feição urbana; da feira livre, do Campo do Gado, em vários locais onde a comercialização era efetuada, e até mesmo desfiles comemorativo ao 7 de Setembro, quando as mulheres ainda usavam sombrinhas para se protegerem do sol.

(JORNAL FEIRA HOJE, 22 de maio de 1983, Caderno 2, p. 12)

xviii

Além desse evento, tornaram-se recorrentes publicações de fotografias antigas nos periódicos locais, especialmente no Jornal Folha do Norte e no Jornal Noite e Dia, que geralmente se ocupam com a temática relacionada ao passado da cidade. Em 2009, ano do centenário do Jornal Folha do Norte, ele apresentou a coluna *Memória Fotográfica de Feira de Santana*, na qual aparecia uma fotografia da Feira de Santana antiga e que tecia uma narrativa histórica a respeito da mesma na perspectiva de lembrar as imagens que a cidade já teve, o período em que o jornal, ainda jovem, era um dos principais arautos dos acontecimentos ligados à política e à sociedade local colocando em evidência as personalidades que, de alguma forma, se destacavam no meio social <sup>xix</sup>. Assim, no afã de revisitar as experiências passadas, em ambos



DESENHANDO IDENTIDADES:  
(RE)EXISTÊNCIAS, DISSIDÊNCIAS E CULTURAS  
XV Seminário do Programa de Pós-Graduação  
em Desenho, Cultura e Interatividade.



#### XV Seminário do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade – 2020

jornais, encarregaram-se as fotografias antigas do compromisso de manter os laços do tempo entre aquela que foi a Feira de Santana de outrora distante da atual e, além disso, também reencontrar o passado do qual grande parte dos atuais cidadãos feirenses não se lembram ter existido. Acredito que essas formas de retorno ao passado queiram provocar surpresa a respeito daquilo que Feira de Santana deixou de ser, deixou de possuir, aparentando um lugar estranho, desconhecido nos tempos atuais.

Em 1994, Raimundo Gama publicou o livro *Memória Fotográfica de Feira de Santana*<sup>xx</sup>, no qual apresenta fotografias dos lugares de memórias, como as ruas, praças, coretos e fotografias das personalidades feirenses – especialmente políticos. Em 2009, também publicou o livro *Feira de Santana em Postais*<sup>xxi</sup>, profusamente ilustrado com postais que divulgavam a cidade de Feira de Santana ao longo do século XX. As imagens dos postais, construídas para seduzir o prazer da visão, dão visibilidade e valorizam a urbe que, por sua vez, passa a existir como imagem que se confunde com a própria cidade. Nestas imagens produzidas, a verdade que se encontra são “meras imagens da verdade” (CIAVATTA, 2002, p. 18)<sup>xxii</sup>. Assim, os postais seguem incumbidos de formar uma identidade local, para além de objetos a serem vistos, consumidos e discutidos, uma vez que os olhares que se lançam aos postais são coletivos, resultam de uma articulação entre o fotógrafo, o editor e o público que, por meio dos postais, transforma os lugares visitados em recordações.

As obras que se esforçam para perpetuar a vera imagem da cidade, inclusive as novas produções que seguem a mesma tendência do livro *Memória Fotográfica de Feira de Santana* seja em vídeo, em ambiente virtual ou as recentes exposições fotográficas lançadas pelo Clube da Fotografia<sup>xxiii</sup>, presentificam o ausente, aquilo que foi e não é mais, buscam a construção de uma memória visual que diz respeito à intelectualidade e aos grupos que



DESENHANDO IDENTIDADES:  
(RE)EXISTÊNCIAS, DISSIDÊNCIAS E CULTURAS  
XV Seminário do Programa de Pós-Graduação  
em Desenho, Cultura e Interatividade.



#### XV Seminário do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade – 2020

outrora tiveram grande prestígio econômico e social. Digo isso porque não há, na mesma proporção, uma visualidade dos espaços onde habitam os grupos menos favorecidos economicamente, os arredores da cidade são estrategicamente esquecidos. As fotografias antigas da cidade veiculadas nessas obras geralmente são as mesmas, oriundas de acervos particulares<sup>xxiv</sup> onde são consideradas como verdadeiros arquivos da própria vida.

A abordagem das obras não varia muito, trata-se quase sempre dos imóveis construídos na primeira metade do século XX, praças, coretos, feira-livre, personalidades da política local e representantes das famílias tradicionais, desfiles cívicos e políticos, festas tradicionais, como a Festa de Santana, a levada da lenha, antigas micaretas quando ainda eram na Avenida Senhor dos Passos e havia o desfile dos carros alegóricos. Enfim, as imagens produzidas pelos fotógrafos, leitores privilegiados e desenhadores da cidade de Feira de Santana, e que são insistentemente veiculadas pelas diversas mídias, despertam para o presente as múltiplas cidades que a de hoje encerra.

No já citado *Feira de Santana em Postais*, publicado em 2009, o autor faz uma rápida incursão à história de Feira de Santana, tece considerações a respeito da feira livre que acontecia no centro urbano e destaca que “ela já havia cumprido seu papel de elemento catalizador da formação de uma vasta rede de estabelecimentos varejistas e atacadistas” (GAMA, 2009, p. 13). Partindo da historicidade local, Gama apresenta o ambiente histórico em que surgiu o cartão-postal, as suas características, suas temáticas que quase sempre aborda arquitetura e o urbanismo como elementos principais. A partir daí, se ocupa em reproduzir variadas imagens do centro da cidade e nenhum bairro é mencionado. Não há uma organização temática na sequência das imagens, mas prevalecem aquelas que possuem um foco alargado onde a cidade pode ser observada na sua amplitude e seus edifícios. Aparecem alguns postais que trazem os tipos humanos já consagrados na história de



DESENHANDO IDENTIDADES:  
(RE)EXISTÊNCIAS, DISSIDÊNCIAS E CULTURAS  
XV Seminário do Programa de Pós-Graduação  
em Desenho, Cultura e Interatividade.



#### XV Seminário do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade – 2020

Feira de Santana, como o vaqueiro e o feirante, assim também imagens da antiga feira-livre e, como contraste, imagens do centro da cidade plenamente desocupado, livre da feira, onde ganham destaque os automóveis e as obras urbanísticas, os monumentos espalhados pela Avenida Getúlio Vargas, as igrejas de rito católico, os locais de lazer, como o Feira Tênis Clube, repleto de jovens. Esses espaços, onde viceja o requinte característico da elite econômica, estão afastados dos populares ou privados das presenças indesejadas. Nos postais, as piscinas aparecem como a grande atração que vem a calhar ao clima quente da região.

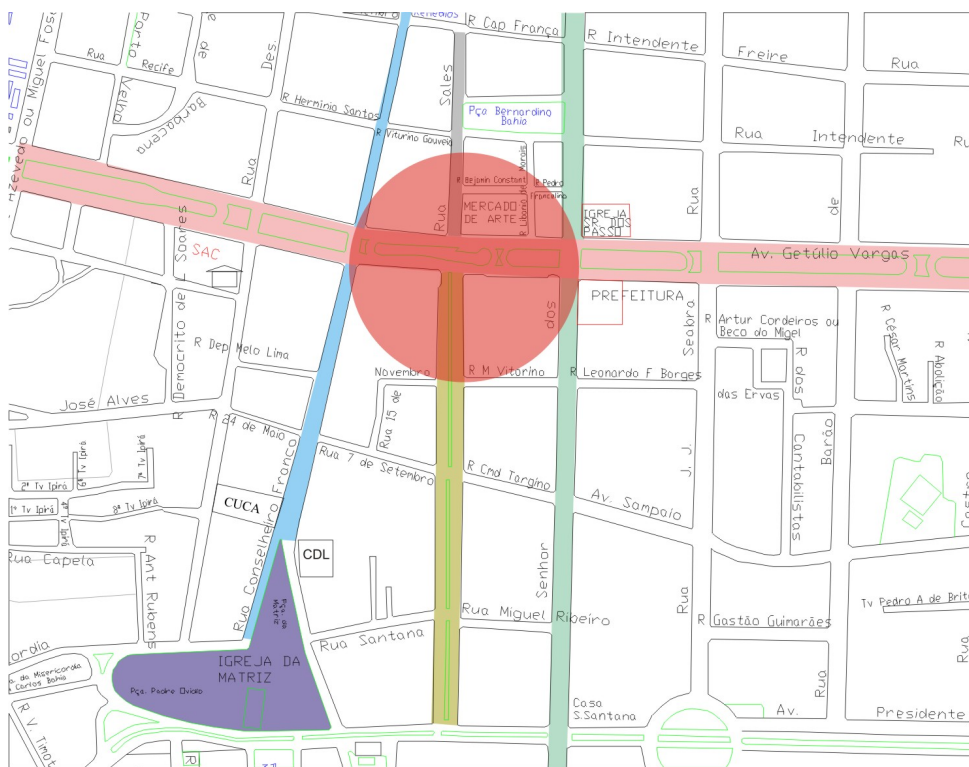
Trazer essas imagens significa provar que a cidade prossegue “dando saltos, crescendo em todas as vertentes, contrariando os pessimistas, superando crises, enfrentando desafios, transformada no grande centro distribuidor dos produtos industrializados vindos de todos os pontos do país” (GAMA, 2009, p.13). Raimundo Gama (2009) deixa entender que banir a feira livre <sup>xxv</sup> do centro urbano não significou o fim das atividades comerciais, porque as principais características da cidade do comércio ainda permanecem bem mais aprimoradas, a cidade está mais sofisticada, limpa, higienizada e por isso alcança grandes índices econômicos. Abaixo, apresento o mapa para ilustrar melhor esse espaço.



DESENHANDO IDENTIDADES:  
(RE)EXISTÊNCIAS, DISSIDÊNCIAS E CULTURAS  
XV Seminário do Programa de Pós-Graduação  
em Desenho, Cultura e Interatividade.



## XV Seminário do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade – 2020



- Área onde acontecia a efervescência da feira livre
- Avenida Senhor dos Passos
- Rua Sales Barbosa
- Antigo Centro Comercial
- Avenida Getúlio Vargas
- Rua Conselheiro Franco
- Rua Marechal Deodoro

Mapa 01. Principais artérias do centro da cidade, por onde se estendia a movimentação de pessoas no dia da feira livre. In: AZEVEDO, 2009, p. 73, alterado por José Carlos Sampaio sob orientação deste autor.

Mesmo sem a feira livre de outrora, segunda-feira ainda continua sendo o dia de grande movimentação de pessoas no centro urbano: “é o dia de maior movimento comercial principalmente para a vasta rede de estabelecimentos, que se concentram sobretudo nas ruas Sales Barbosa, Marechal Deodoro, Conselheiro Franco, nas avenidas Senhor dos Passos, Getúlio Vargas,



DESENHANDO IDENTIDADES:  
(RE)EXISTÊNCIAS, DISSIDÊNCIAS E CULTURAS  
XV Seminário do Programa de Pós-Graduação  
em Desenho, Cultura e Interatividade.



## XV Seminário do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade – 2020

Presidente Dutra e João Durval Carneiro e no Shopping Iguatemi” (GAMA, 2009, p. 14).

Valoriza-se também o crescimento vertical das construções, esse novo modo de habitação como opção por privacidade e segurança. Gama acredita que a cidade cresce em todos os aspectos devido aos resultados do próspero desempenho econômico pautado pelas indústrias aqui instaladas, ainda que “pessimistas e alguns poucos incrédulos”, saudosistas da velha feira-livre, não percebam o desenvolvimento contínuo da mesma. A obra em questão está repleta de imagens da cidade que se deseja. É por meio dos signos que as imagens falam, comunicam e expressam o padrão de desenvolvimento almejado porque elas são representações das criações e intervenções na paisagem citadina, denotam o crescente desenvolvimento econômico, a manutenção e a recriação do novo mundo social. As imagens que são apresentadas naqueles postais evidenciam que não há fixidez na paisagem urbana e apontam para o extremo da metamorfose do tempo no espaço urbano.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A esperança de um futuro diferente, a ansiedade por novos valores e adentrar na metáfora da modernidade provocaram a demolição de alguns antigos imóveis e a reformulação arquitetônica de outros, caracterizando a superação dos elementos do passado. Assim, os elementos da cultura material que formam a paisagem urbana resultam do desenho que se deseja revelar para a cidade. A paisagem urbana não é construída apenas pelo espaço ocupado pelas ruas e seus artefatos, dela fazem parte a cultura e os conceitos valorizados pela sociedade que efetivamente são traduzidos pela forma de habitar e organizar espacialmente o ambiente urbano – a maneira como esse



DESENHANDO IDENTIDADES:  
(RE)EXISTÊNCIAS, DISSIDÊNCIAS E CULTURAS  
XV Seminário do Programa de Pós-Graduação  
em Desenho, Cultura e Interatividade.



#### XV Seminário do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade – 2020

se encontra indica o modo de vida dos indivíduos e as relações que são estabelecidas entre si.

Nesse interim, as imagens fotográficas funcionam como a narrativa do olhar dos fotógrafos-desenhadores: elas permitem um breve resumo de como ficava a Avenida Senhor dos Passos nos momentos das festas da cidade, são objetos de representação da paisagem congelada no exato momento em que os sujeitos em primeiro plano abrem um sorriso, fazem um passo de dança e posam para a câmera quando, conscientes do seu efeito, se colocam antecipadamente na condição de imagem.

As imagens dos imóveis que existiram na Avenida Senhor dos Passos, congeladas nas fotografias, estão plenas de lembranças e são, a um só tempo, registro e agente histórico na medida em que nos remetem a outro tempo, permitindo analogias invisíveis a partir do presente que se mostra instável. Portanto, as fotografias são um recurso que nos permite um retorno ao passado desse logradouro no sentido de visualizar as suas condições materiais e o desenho arquitetônico dos imóveis cuja destruição os memorialistas tanto lamentam.

Assim, a posse dessa memória presentifica o passado, possibilita recordações infinitas e recomenda que os imóveis antigos de Feira de Santana, especialmente os da Avenida Senhor dos Passos que pertenceram às famílias aristocráticas, têm a finalidade de transmitir experiências de vida a partir da percepção atribuindo-lhe sentido, uma vez que o tempo experimentado, vivido, guarda consigo a metafísica da temporalidade. Estabelece, portanto, uma seletividade entre lembrar e esquecer e assim se constrói uma narrativa na qual emerge a juventude daquela via pública, revela milhares de impressões à procura do tempo que se julga perdido, torna visível a imagem latente das lembranças mais sensíveis e que estavam envolvidas numa cortina de névoa da memória.



DESENHANDO IDENTIDADES:  
(RE)EXISTÊNCIAS, DISSIDÊNCIAS E CULTURAS  
XV Seminário do Programa de Pós-Graduação  
em Desenho, Cultura e Interatividade.



## XV Seminário do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade – 2020

### NOTAS

<sup>i</sup> Os mapas 01 e 02 se encontram em AZEVEDO, Livia Dias. *Feira de Santana: entre culturas, paisagens e memórias urbanas – um estudo que dialoga com as décadas de 1950 a 2009*. 2010. 182 f. Dissertação (Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade) Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana.

<sup>ii</sup> Entendo como aristocratas do gado os grandes latifundiários que lidavam com o comércio do gado, uma das principais atividades econômicas de Feira de Santana. Ainda não foi possível definir a data exata em que a Senhor dos Passos se torna uma avenida. No Dicionário da Feira de Santana, de Oscar Damião de Almeida, 2006, p. 44, afirma que ela é a primeira via pública a receber o título de Avenida, no ano de 1930, pelo então prefeito Heráclito Dias de Carvalho. É sabido que a Avenida Senhor dos Passos tem início no cruzamento com a Avenida Senador Quintino, onde existe o bar denominado *Ferro de Engomar* e terminava no cruzamento com a Avenida Getúlio Vargas, ou seja, logo após o Paço Municipal. Dali em diante, chamava-se Barão de Cotegipe. Porém, decidiu-se acabar com essa divisão e toda extensão, até o cruzamento com a Rua Washington Luis, recebeu o nome de Avenida Senhor dos Passos.

<sup>iii</sup> Bacharel em Direito e reconhecido poeta feirense. Considerado como um dos principais poetas do grupo modernista baiano surgido em torno da revista *Arco & Flexa* (1928-1929), mensário de cultura moderna: letras, artes, ciências e crítica, teve rápida duração.

<sup>iv</sup> BOAVENTURA, Eurico Alves. *A Paisagem urbana e o homem: memórias de Feira de Santana*. Feira de Santana: UEFS, 2006. Organização e notas de Maria Eugênia Boaventura.

<sup>v</sup> MELHORAMENTOS locais (A arborização das ruas e a influência das florestas sobre o clima). *Folha do Norte*, ano 5, n. 151, p. 1, 1 de jan. 1913.

<sup>vi</sup> OLIVEIRA, Sidiney de Araujo. *Desenhando a ideia de uma “avenida feliz”*: imagens das histórias e memórias da Avenida Senhor dos Passos. 2010, 190 f. Dissertação (Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana.

<sup>vii</sup> OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. *Feira de Santana em tempos de modernidade: olhares, imagens e práticas do cotidiano (1950 – 1960)*. 2008, 211 f. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

<sup>viii</sup> CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. 2 ed., 10 reimpressão, São Paulo: Cia das Letras, 2009.

<sup>ix</sup> Louis-Jacques-Mandé Daguerre foi um pintor, cenógrafo, químico e inventor francês, foi o primeiro a conseguir uma imagem fixa pela ação direta da luz em 1835, a máquina inicialmente foi chamada de daguerreótipo.

<sup>x</sup> BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

<sup>xi</sup> MAGALHÃES, Antônio Ferreira; OLIVEIRA, Clóvis Ramaiana Moraes; SILVA, Aldo José Moraes. *História nas lentes: Feira de Santana pelo olhar do fotógrafo Antônio Magalhães*. Feira de Santana, BA., UEFS Editora, 2009.

<sup>xii</sup> KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. 3 ed., São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

<sup>xiii</sup> BERGER, John. *Modos de ver*. Lisboa – Portugal: Edições 70, 1972.

<sup>xiv</sup> OLIVEIRA, Valter Gomes Santos de. *Revelando a cidade: imagens da modernidade no olhar fotográfico de Osmar Micucci (Jacobina – Ba, 1955 – 1963)*. 2007, 179 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.

<sup>xv</sup> SANDRI, Sinara Bonamigo. *Um fotógrafo na mira do tempo: Porto Alegre, por Virgílio Calegari*. 2007. 129 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

<sup>xvi</sup> BAXANDALL, Michael. *Padrões de intenção: a explicação histórica dos quadros*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

<sup>xvii</sup> Ex-Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana, instituição da qual também foi um dos fundadores, jornalista, escritor, também participou do grupo que fundou o Jornal Feira Hoje, foi presidente do Lions Club em Feira de Santana, fundou e dirigiu o Museu Casa do Sertão – UEFS. Ainda



DESENHANDO IDENTIDADES:  
(RE)EXISTÊNCIAS, DISSIDÊNCIAS E CULTURAS  
XV Seminário do Programa de Pós-Graduação  
em Desenho, Cultura e Interatividade.



## XV Seminário do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade – 2020

publicou outras obras, como, *Feira de Santana e Ruy Barbosa: o pouso da águia na “terra formosa e bendita”*; *Filosofia Grega Antiga*; *Recortes de Canudos*. Na política, foi secretário de Educação e Administração.

<sup>xviii</sup> UM PASSEIO fotográfico pela Feira antiga. *Feira Hoje*. Ano 13, n. 2.756, caderno 2, p. 12, 22 mai. 1983.

<sup>xix</sup> MEMÓRIA fotográfica de Feira de Santana. *Folha do Norte*. Ano 99, n. 5805, p. 7, 30 abr. 2009.

<sup>xx</sup> GAMA, Raimundo Gonçalves (Coord.). *Memoria fotográfica de Feira de Santana*. Feira de Santana: Fundação Cultural de Feira de Santana, 1994.

<sup>xxi</sup> GAMA, Raimundo Gonçalves. *Feira de Santana em postais*. Feira de Santana, S. edição, 2009.

<sup>xxii</sup> CIAVATTA, Maria. *O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica* (Rio de Janeiro, 1900 – 1930). Rio de Janeiro, DP&A, 2002.

<sup>xxiii</sup> O Clube da Fotografia Gerson Boullos foi fundado em 2007, é uma associação de interessados em fotografia como expressão artística. O clube promove diversos eventos como exposições, seminários, palestras, passeios, etc. Em 2009, apresentou a exposição fotográfica FEIRA DE SANTANA: UMA VIAGEM AO PASSADO. Trata-se de uma coletânea de fotografias do centro urbano de Feira de Santana nas primeiras décadas do século XX que foram catalogadas em diversos arquivos pessoais, receberam tratamento especial de conservação e foram digitalizadas.

<sup>xxiv</sup> Estive em contato com algumas pessoas que possuem acervo muito rico a respeito da história de Feira de Santana. Alguns foram solícitos e não mediram esforços outros, por estimarem tanto seu acervo, foram incapazes de demonstrar a menor atitude de solidariedade colaborando com essa pesquisa.

<sup>xxv</sup> A feira-livre acontecia às segundas-feiras na Avenida Getúlio Vargas, na altura do cruzamento com a Avenida Senhor dos Passos até o cruzamento com a Rua Conselheiro Franco e, conseqüentemente, estendia-se pelas artérias viárias mais próximas. Em 1977 foi alocada em outro espaço a fim de deixar o centro urbano mais higienizado, limpo e civilizado, o que possibilitaria uma melhor fluidez do trânsito e do grande número de pessoas que cada vez mais circulavam por aquele espaço.